



TEMAS BÍBLICOS

A aspersão do sangue como sinal salvífico em 1Pd 1,1-2 e o uso de Ex 12,21-27

The sprinkling of blood as a salvific sign in 1Pet 1,1-2 and the use of Ex 12,21-27

La aspersión de la sangre como signo salvífico en 1Pd 1,1-2 y el uso de Ex 12,21-27

Waldecir Gonzaga¹

orcid.org/0000-0001-5929-382X
waldecir@hotmail.com

Neilor Schuster²

orcid.org/0009-0001-9887-6822
neilorschuster@gmail.com

Recebido em: 01 abr. 2025.

Aprovado em: 21 maio 2025.

Publicado em: 19 dez. 2025.

Resumo: O Novo Testamento (NT) faz muitas referências a textos e ao conteúdo do Antigo Testamento (AT), a partir do uso do AT no NT, que pode ser de forma explícita (citação) e/ou implícita (alusão e eco). Em 1Pd 1,1-2, a saudação epistolar abre a carta citando aqueles que foram aspergidos com o sangue de Jesus Cristo, aproximação com a "aspersão do sangue do Cordeiro", como no livro do Êxodo. Em Ex 12,21-27, a "aspersão do sangue do Cordeiro" nas portas das casas dos hebreus que viviam no Egito é ordem de Deus, a ser feita para sempre. São tempos e lugares muito distintos os que separam os dois textos. Porém, há elementos que permitem realizar uma aproximação entre eles, relacionando seu significado e teologia. A dimensão salvífica dos textos, bem como a menção de serem estrangeiros e forasteiros, é um elemento-chave que aproxima as duas perícopes. Os primogênitos das casas onde o sangue foi aspergido no Egito (AT) tiveram suas vidas poupadas e foram salvos na noite em que o Senhor feriu o Egito. Aqueles pelos quais Jesus Cristo derramou o seu sangue também foram salvos por este sinal cruento. Os hebreus eram estrangeiros no Egito, e a ordem de YHWH era dirigida a eles, em vista da libertação. A carta 1 Pedro é dirigida a forasteiros (NT) que, para além do espaço geográfico das cidades mencionadas, não estão em seu lugar, mas sim em busca do seu lugar definitivo. O presente estudo oferece os textos nas línguas originais, tradução portuguesa, comentários e análises textuais e temáticos.

Palavras-chave: Êxodo. 1Pedro. Aspersão. Sangue. Estrangeiros.

Abstract: The NT makes numerous references to the texts and content of the OT, utilizing the OT in explicit ways (quotations) and/or implicitly (allusions and echoes). In 1Pet 1,1-2, the epistolary greeting opens the letter by referencing those who have been sprinkled with the blood of Jesus Christ, drawing a parallel to the sprinkling of the Lamb's blood in the book of Exodus. In Ex 12,21-27, the sprinkling of the Lamb's blood on the doorposts of the Hebrew houses in Egypt is a command from God, to be observed forever. Vastly different times and places separate the two texts. However, certain elements allow for a comparison between them, relating their meaning and theology. The salvific dimension of the texts, as well as the mention of being strangers and sojourners, are key elements that connect the two pericopes. The firstborn sons of the houses where the blood was sprinkled in Egypt (OT) had their lives spared and were saved on the night the Lord struck down Egypt. Those for whom Jesus Christ shed his blood were also saved by this bloody sign. The Hebrews were strangers in Egypt, and YHWH's command was directed to them, in view of their liberation. The letter of 1 Peter is addressed to sojourners (NT) who, beyond the geographical space of the cities mentioned, are not in their own place, but rather in search of their ultimate destination. This study offers the texts in their original languages, Portuguese translation, commentary, and textual and thematic analyses.

Keywords: Exodus. 1Peter. Sprinkling. Blood. Strangers.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, RS, Brasil.

Resumen: El NT hace muchas referencias a textos y contenidos veterotestamentarios, basándose en el uso del AT en el NT, que puede ser explícito (cita) y/o implícito (alusión y eco). En 1Pe 1,1-2, el saludo epistolar abre la carta mencionando a los que han sido rociados con la sangre de Jesucristo, acercándose a la "aspersión de la sangre del Cordero", como en el libro del Éxodo. En Ex 12,21-27, la "aspersión de la sangre del Cordero" en las puertas de las casas de los hebreos que vivían en Egipto es un mandato de Dios, que debe cumplirse para siempre. Los tiempos y lugares que separan ambos textos son muy diferentes. Sin embargo, hay elementos que permiten acercarlos, relacionando su significado y su teología. La dimensión salvífica de los textos, así como la mención de ser extranjeros y forasteros, son elementos clave que acercan las dos pericopas. A los primogénitos de las casas donde se derramó la sangre en Egipto (AT), se les perdonó la vida y se salvaron la noche en que el Señor golpeó Egipto. Aquellos por quienes Jesucristo derramó su sangre también fueron salvados por esta cruel señal. Los hebreos eran extranjeros en Egipto, y el mandato de YHWH iba dirigido a ellos con vistas a su liberación. La carta 1 Pedro se dirige a los extranjeros (NT), que, más allá del espacio geográfico de las ciudades mencionadas, no están en su lugar, sino en busca de su lugar definitivo. Este estudio ofrece los textos en sus lenguas originales, la traducción portuguesa y comentarios y análisis textuales y temáticos.

Palabras claves: Éxodo. 1Pedro. Rociar. Sangre. Extranjeros.

Introdução

Há muitos textos que no Novo Testamento (NT) que remetem a passagens do Antigo Testamento (AT), a partir do uso do AT no NT, mediante três possibilidades: citação, alusão e/ou eco. Isso se dá naturalmente, pois NT é herdeiro da tradição do AT, continuidade em muitos aspectos, ainda que já descontinuidade em tantos outros, na interpretação e na inovação, mas com altíssimo grau de assimilação e continuidade.

Muitos temas são reconhecidos e recebem um destaque maior, quanto ao interesse como também a pesquisas já produzidas, a exemplo dos muitos estudos já realizados neste campo³. Outros, no entanto, ainda não foram muito pesquisados e estudados e, por isso mesmo, podem ser uma fonte importante para novas análises e interpretações.

O presente estudo procura relacionar duas perícopes distintas: 1Pd 1,1-2 (NT) e Ex 12,21-27

(AT), a partir da Primeira Carta de Pedro, como base, uma das sete cartas católicas (NT) (Gonzaga, 2017, p. 421-444, 2019, p. 408-409, 2025, p. 61-92), tendo como segundo texto uma passagem do Livro de Êxodo, um texto do Pentateuco (AT) (Gonzaga; Belem, 2022, p. 247-277). Em um primeiro momento, pode haver um estranhamento para alguns leitores da literatura bíblica, mas é comum observar tal aproximação entre os textos, quando se realizam tantos estudos acadêmicos como leituras orantes da Bíblia, a partir do método da *Lectio Divina*. Mais ainda, após pesquisas, é possível constatar que há temas congruentes e é possível defender, bem como explicar, uma aproximação com consistência, a exemplo destes dois textos (1Pd 1,1-2; Ex 12,21-27). É justamente essa tarefa que o presente estudo se propõe a realizar.

Após conhecer um pouco sobre cada livro, este estudo contextualiza cada pericope em seu texto completo. Em seguida, uma análise mais aprofundada ajuda na compreensão de cada texto selecionado. Posteriormente, o estudo busca estabelecer uma relação entre os textos, a partir de temáticas afins que unem ambos, a saber: a "aspersão do sangue" e a eleição dos estrangeiros e forasteiros.

De modo algum o estudo tem o objetivo de esgotar o assunto, mas sim contribuir com novas possibilidades interpretativas das Sagradas Escrituras e ampliar o debate científico. A "aspersão do sangue" é um tema que continua sendo atual, não apenas na dimensão do culto religioso, mas também em seu significado na concretude da vida. Ao mesmo tempo, a temática que aborda os forasteiros e os estrangeiros mostra-se superatual nestes tempos em que vivemos. Nesse sentido, é apresentado o estudo feito a partir da pesquisa realizada, também com a possibilidade de iluminar alguns aspectos do tempo presente.

³ Livros: Beale (2013), Beale e Carson (2014), Bell *et al.* (2006), Del Páramo (1963, p. 229-241), Grilli (2007), Hays (1989), Robertson (1996) e Silva (2008, p. 76-92). Artigos: Gonzaga e Almeida Filho (2020, p. 1-18), Gonzaga e Belem (2021, p. 1-35), Gonzaga, Ramos e Silva (2021, p. 9-31), Gonzaga e Silveira (2021, p. 248-267), Gonzaga e Lacerda Filho (2023, p. 13-48) e Gonzaga e Telles (2022, p. 395-413).

1 As pragas do Egito no livro do Êxodo

O Livro do Êxodo é o segundo livro da Bíblia, pertencendo ao AT, grupo de livros que narra as origens de Israel e as leis que orientam esse povo. Os hebreus, povo escolhido de Deus, encontram-se em território egípcio, sendo escravizados pelo Faraó e seu governo. Estão submetidos à vontade deste soberano que tem *status* divino. "O êxodo é o primeiro agir constitutivo de Yahweh para com Israel" (Gunneweg, 2005, p. 87). Gunneweg (2005, p. 87) também afirma que "o tema do êxodo, como os restantes temas básicos do Pentateuco, pertence à época anterior à 'conquista da terra', e à consolidação de Israel".

Desde o princípio do Livro do Êxodo, o objetivo de libertar o povo que sofre o peso da escravidão no Egito é central. Os 15 primeiros capítulos narram muitas reviravoltas em uma narrativa que vai culminar nesta saída para um lugar novo. É Deus que faz contato com esse povo e, por isso, "pode-se dizer que o Êxodo marca o nascimento do Povo de Israel" (Macchi, 2015, p. 216).

Devido à dureza do coração do Faraó, recaem sobre o Egito as dez pragas. A questão central deste acontecimento emblemático, como diz Ska (2016, p. 112), precisa ser destacado: "O problema principal do relato das pragas do Egito não é o da liberdade e da responsabilidade do faraó. É antes o problema do Poder do Deus de Israel".

As pragas são apresentadas a partir de Ex 7. São dez em um conjunto, mas há uma distinção importante a ser feita. "As primeiras nove pragas têm uma estrutura que se distingue da décima, ainda que estejam estreitamente unidas na redação final" (Andiñach, 2010, p. 116). As primeiras nove seguem uma sequência, também no que diz respeito ao lugar de anúncio. No entanto, "a décima praga não é climática somente pela sua posição fora da série dos tercetos, mas também por seu prenúncio em Ex 11,1, onde o Faraó, finalmente, permitirá a partida do povo" (Clifford, 2007, p. 137).

As pragas do grupo principal (as 9 primei-

ras) são acontecimentos naturais e constituem um grande transtorno para a vida no Egito. São problemas que afetam o agir cotidiano e que o texto afirma ser enviadas por Deus. Moisés é quem anuncia e, em nome do povo de Israel, vai acompanhando a evolução do quadro posto. Ao ter contato com o texto, ele pode despertar medo, nojo, preocupação, sentimentos que também provocou na população que sofria com os danos causados pelas pragas.

No relato das pragas, segundo Andiñach (2010, p. 166), é possível perceber

Uma composição cuidadosamente construída que tem por objetivo criar um clima particular, no qual existe, desde o início, uma tensão que vai aumentando até produzir, na décima praga, uma explosão de dimensões cósmicas.

É uma nação que ali vai surgir, a partir do que estes acontecimentos desencadeiam.

Entre esta divisão, está o texto foco que nos interessa neste estudo. Uma ordem que vem de Deus e que prepara o povo hebreu para a última e derradeira praga que irá cair sobre o Egito. São as orientações para a Páscoa. Para esta, deverão ser preparados pães ázimos para servir de alimento. Também as famílias devem se organizar no sacrifício de animais para serem preparados e consumidos durante o festejo pascal.

2 A aspersão do sangue do Cordeiro (Ex 12,21-27)

O texto de Ex 12,21-27 conta com uma beleza linguística singular, com todo o movimento realizado a partir dos personagens, dos verbos e da semântica de cada palavra. Porém, muito mais do que isso, trata-se de um texto realmente significativo e importante para a tradição judaico-cristã no que diz respeito à libertação da escravidão do Egito e à celebração da primeira Páscoa, quando o povo hebreu saiu do Egito, da casa e escravidão do faraó, por decisão de Deus e auxílio de Moisés,

QUADRO 1 – Texto hebraico e tradução portuguesa de Ex 12, 21-27

Texto hebraico de Ex 12,21-27 (BHS)	Tradução portuguesa
וַאֲצַחֵם מִכָּל יְהוּדֵי וְכָשֵׁם מִהֵלֵא רְמֵאֵנוּ לְאַרְשֵׁי יִגְזוּ-לְכָל הַשָּׁמ אֲרָקְנוּ ²¹ חֲסֵפָה וְעִזְשׁוּ מִכִּי תִתְפָּשֵׁמֶל	²¹ E chamou Moisés a todos os anciãos de Israel e disse-lhes: escolher e tomai para vós cordeiros, para as vossas famílias e imolai a Páscoa .
לֹא תִעַגְהוּ אֶפְסֵי-רֵשָׁא מִדָּב מִתְּלִבְטוּ בּוֹזָא תִדְגָא מִתְּחִקְלוּ ²² שִׁיָּא וְאַצַּת אֵל מִתְּאֹר הַסָּב רֵשָׁא מִדְּהֵנִם תּוֹזוּמָה יִתְשִׁ-לְאֹו הִוְקֵשְׁמָה רְקָבִידַע וְתִיבִי-חֲתִמָּמ	²² E tomareis um feixe de hissopo e molhareis no sangue que está na bacia e encostareis na verga e nos dois umbrais do sangue que está na bacia, e vós não saireis ninguém da porta de sua casa até amanhecer
לְעוּ הִוְקֵשְׁמָה-לַע מִדְּהֵתָא הָאָרוּ מִיִּרְצֵמָתָא הַגָּגֵל הִוְהוּ רִבְעוּ ²³ לֹא אֲבָל תִּלְחֵשְׁמָה נְתִי אֵלֹו חֲתִפָּה-לַע הִוְהוּ חֲסֵפֹו תּוֹזוּמָה יִתְשִׁ רְקָגֵל מִכִּי תִב	²³ E YHWH passará para golpear os egípcios, e verá o sangue sobre a verga e sobre os dois umbrais ; e YHWH passará sobre a porta, e não permitirá ao exterminador de ir para as vossas casas, para golpear.
מִלּוּעֵ-דַע רִינְבִלוּ רְקָ-יִקְחֵל תְּנָה רִבְדֵה־תָא מִתְּרַמְשׁוּ ²⁴	²⁴ E guardareis esta palavra como estatuto para ti e para os teus filhos, para sempre (<i>eternamente</i>).
הַבֵּד הִשְׁאֲכ מִכָּל תְּהוּי נְתִי רֵשָׁא מִרְאָה־לָא וְאַכְתִּיבֵי הִוְהוּ ²⁵ חֲאֵנָה תִדְבְּעָה־תָא מִתְּרַמְשׁוּ	²⁵ E acontecerá que quando fordes para a terra que YHWH dará para vós, conforme disse; e guardareis este costume cultural (<i>cerimônia</i>).
מִכָּל תְּאֵנָה תִדְבְּעָה תִמ מִכִּינֵב מִכִּינֵלָא וְרַמְאֵי-יִבֵי הִוְהוּ ²⁶	²⁶ E será quando disserem a vós, os vossos filhos: que costume cultural (<i>cerimônia</i>) é este para vós?
לְאַרְשֵׁי-יִנֵב יִתְבִּי-לַע חֲסֵפֹו רֵשָׁא הִוְהוּ לֵא וְחֲסֵפִי-חֲבֹו מִתְּרַמְשׁוּ ²⁷ וְנִתְתְּשׁוּ מַעָה דִקְנוּ לִיגָה וְנִתְבִי-תְאֹו מִיִּרְצֵמָתָא וְנִפְגָּב מִלְרַצְמָב	²⁷ E direis: sacrifício de Páscoa . Este, para YHWH, que passou sobre as casas dos filhos de Israel, em seu golpear os egípcios, mas livrou as nossas casas; e se inclinou o povo e se prostraram (<i>adoraram</i>).

Fonte: Traduzido e adaptado de Elliger (1997).

O texto relata um novo contato de Moisés, agora com o povo de Israel. Durante a ocorrência das pragas, seu contato está direcionado ao faraó, Aarão, e ao próprio Deus que se comunica com ele. A teologia destacada neste texto visa “a transmissão dos mandamentos aos anciãos” (Clifford, 2007, p. 137), a mando do Senhor. Está direcionada aos anciãos de Israel, num claro norteamento a todo o povo. É a segunda ordem, pois anteriormente já ouviram a respeito da preparação dos pães ázimos a serem consumidos por ocasião da Páscoa. “Este segundo estatuto refere-se ao uso do sangue animal sacrificado e não ao seu consumo” (Pixley, 1987, p. 88). Este elemento já é uma distinção importante.

Não aparecem descritos alguns elementos que fazem parte do rito completo. O rito expõe que a ordem dada a partir de Moisés tem caráter litúrgico e legal. O sangue exigia um cuidado especial, e por isso chama a atenção como ele é destacado. Ele não podia ser tocado, por isso se usa o hissopo na aspersão. E o sangue do animal

sacrificado deveria estar na bacia.

A importância do sangue tem a ver com o vínculo que esse texto tem com a narrativa da praga a seguir. Haverá sangue no Egito, que provocará aflição em todo o lar; mas também haverá outro sangue, que preservará a vida dos que foram tratados injustamente e são mantidos na escravidão contra a vontade de Deus (Andiñach, 2010, p. 161).

Num olhar mais atento, percebe-se que o texto apresenta uma espécie de confusão, ou contradição. É Deus que passará e verá as marcas nas portas, mas isso é estranho, pois o próprio Senhor conhece as casas do seu povo. E seguindo o relato, afirma-se que onde as marcas de sangue estiverem não se permitirá que o destruidor entre nas casas, como se este fosse alguém enviado pelo Senhor, e não Ele mesmo.

As orientações são específicas para que o povo de Israel permaneça em suas casas e faça a “aspersão do sangue”. O caráter legal vai além destas duas ações: “O que se deve preservar ‘como lei’ é a memória dos feitos, uma vez que

Deus está realizando sua salvação; não apenas a anuncia" (Andiñach, 2010, p. 162). Nesse caso, a própria narrativa torna-se uma lei, pois ela não poderá mais deixar de ser narrada, com os ritos que ali são descritos. Também por esse motivo, às crianças que perguntarão qual o sentido de tudo o que está sendo feito deve sempre ser recordado que foi nesta noite que Deus salvou o povo de Israel, movido por sua misericórdia, mantendo viva e atual esta interpretação.

O texto deixa exposto que aquilo que será vivido pelo povo de Israel é um acontecimento singular, capaz de mudar a história. Este evento, esta noite não pode ser esquecida, pelo contrário, deve manter-se viva na história das pessoas. Este acontecimento precisa ser passado para as gerações futuras. Além disso, "Os preceitos nos v.24-27a são significativos para a aversão de Israel a toda e qualquer forma de conflito de gerações" (Craghan, 2001, p. 101). E ainda, "as crianças perguntarão sobre o sentido do rito, porque não o entendem; sua curiosidade não tem receio de perguntar por tudo o que veem" (Andiñach, 2010, p. 160). Ele tem consequências concretas no cotidiano, pois garantiu a salvação, ao mesmo tempo que apresenta Deus como alguém preocupado e atento ao sofrimento de seu povo, e por isso cuida dele para que esta última praga não caia sobre o povo que o escolheu como o seu Senhor.

Quando estiverem de posse da promessa do Senhor, a terra que lhes foi preparada, todos deverão se recordar desta noite e fazer celebração à Páscoa anualmente para recordar esta noite que fez mudar o significado da festa da Páscoa, tendo um novo sentido ao povo eleito.

3 A Páscoa judaica

Após o momento do encontro, da assembleia que reuniu o povo de Israel, é chegado o momento da dispersão, no qual todos os israelitas voltam às suas casas para preparar a Páscoa e esperar a passagem do Senhor naquela noite. Isso é natural: depois das instruções, é hora de realizar o que esta nova lei exigiu. Segundo Ravasi (1980, p. 57): "A Páscoa, no Judaísmo, é a etapa mais solene do calendário civil e litúrgico".

Há, no entanto, uma grande construção e um processo histórico que a fazem chegar nesse lugar de destaque. No ritmo da natureza, a Páscoa judaica celebrada anteriormente respeitava a dimensão cíclica da vida, em harmonia com a natureza e o cosmos.

A estrutura da Páscoa tinha, na origem, um sabor tipicamente pastoral: migração para novas pastagens na lua cheia da primavera, vestimentas para a viagem (roupas no corpo e bastão), alimentos de ocasião (ervas amargas e pães cozidos sobre chapas de pedra), sacrifício para a fecundidade do rebanho (cordeiro não despedaçado para que, idealmente, retornasse ao rebanho), sangue propiciatório contra as ciladas da viagem (Ravasi, 1980, p. 59).

É perceptível que estes elementos estão presentes na celebração da Páscoa que posteriormente se consolidou, a partir do acontecimento salvífico a que este estudo se dedica. Contudo, acrescentam-se elementos litúrgico-religiosos e prescritivo-legais. Ai se concretiza o que foi mencionado anteriormente com um novo sentido, com uma nova interpretação.

Para a noite narrada na perícopes de Ex 12,21-27, é possível perceber a presença de vários elementos. A lua cheia, além de ser referência temporal, é capaz de deixar as noites menos escuras. Da mesma forma, a alimentação foi cuidadosamente escolhida: enquanto ainda estão no território, uma refeição reforçada, com carne de um jovem cordeiro, reservando energia para a caminhada. Para a jornada, o pão era mais fácil de ser transportado e não tão perecível num clima específico como é o do deserto da região. Sobre o modo de consumir o cordeiro pascal, era importante estar vestido adequadamente, pronto para partir em sua viagem de libertação. O sacrifício é a garantia da salvação dos primogênitos de Israel, sinal de força e esperança para o futuro diferente que se abre ao horizonte do povo israelita. Esta tradição perdura: "A maneira de comer o cordeiro pascal – sandálias nos pés e cajado à mão – visava recordar a pressa com que os hebreus saíram do Egito quando, pela noite, o faraó os expulsou" (Pixley, 1987, p. 86).

De fato, com o passar do tempo, estes ritos e prescrições foram consolidados em Israel. A

Páscoa consiste em "uma festa de família, sem sacerdotes, sem altar, e que se realiza em casa, sem ter que sair em peregrinação para um santuário" (Ska, 2018, p. 119). Ela está ligada à festa dos ázimos, mas não pode ser confundida com ela. Enquanto a Páscoa é celebrada no décimo quarto dia do mês com um cabrito ou um cordeiro, a festa dos ázimos compreende sete dias, desde o 14º até o 21º. Assim já o foi no seu evento fundante.

Tudo isso se dá também a partir de um olhar fiducial, de plena confiança nas mãos do Criador e libertador. A fé garante a memória desta noite, desta celebração, desta Páscoa única, desta libertação. Segundo Gunneweg (2005, p. 89): "Sem um testemunho de fé do agir de Deus no êxodo do Egito qualquer recordação destes acontecimentos teria sido. As fontes egípcias silenciam acerca destes acontecimentos".

Em síntese, para a tradição do povo de Israel, "celebrar a Páscoa significa transpor gerações e aliar-se em uma experiência que explica e unifica todo o povo" (Craghan, 2001, p. 101). É um acontecimento central na história e na identidade deste povo, pois toda a sua história se torna diferente por meio dele. Na tradição cristã, encontram-se

fortes elementos da Páscoa judaica; e acima de tudo, trata-se de um acontecimento que também dá um novo significado, mudando toda a história posterior.

4 A saudação na Primeira Carta de Pedro (1Pd 1,1-2)

A perícopes de 1Pd 1,1-2 constitui a saudação inicial da Primeira Carta de Pedro, uma das sete cartas católicas. Conta com especial beleza linguística e temática, trazendo o anúncio de Cristo aos eleitos e dispersos nas várias comunidades da Igreja, espalhadas pelos rincões de então. O tema da santificação dos eleitos e dispersos, por meio da aspersão do sangue do Cordeiro, é um ponto forte de destaque na perícopes. Assim como o povo hebreu foi aspergido com o sangue do Cordeiro, no Egito, fora da pátria, em Ex 12,21-27, aqui em 1Pd 1,1-2, também fora da pátria, os eleitos e os dispersos são aspergidos com o sangue do Cordeiro, que é Jesus Cristo; não mais com o sangue de um animal, que é imolado para isso, mas sim com o sangue do próprio Filho de Deus, Jesus Cristo, o Cordeiro por excelência.

QUADRO 2 – Texto hebraico e tradução portuguesa de 1Pd 1,1-2

Texto grego de 1Pd 1,1-2 (NA28)	Tradução portuguesa
Πέτρος ἀπόστολος Ἰησοῦ Χριστοῦ ἐκλεκτοῖς παρεπιδήμοις διασπορᾶς Πόντου, Γαλατίας, Καπαδοκίας, Ἀσίας καὶ Βιθυνίας	¹ Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos estrangeiros da dispersão : do <i>Ponto</i> , da <i>Galácia</i> , da <i>Capadócia</i> , da <i>Ásia</i> e da <i>Bitínia</i> ,
² κατὰ πρόγνωσιν θεοῦ πατρὸς ἐν ἁγιασμῷ πνεύματος εἰς ὑπακοὴν καὶ ῥαντισμὸν αἵματος Ἰησοῦ Χριστοῦ, χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη πληθυνθεῖη.	² <i>segundo</i> a presciência de Deus Pai, na santificação do Espírito, para obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo Graça a vós e que a paz seja multiplicada!

Fonte: Traduzido e adaptado de Nestle-Aland (2012).

De acordo com Kummel (1982, p. 558), a provável redação da Primeira Carta de Pedro se dá entre os anos 90 e 95 d.C. Ela inicia com uma saudação do autor, a qual demonstra que os destinatários da carta estão em províncias do Império Romano, espalhadas pela Ásia Menor. É bastante aceita a ideia de que não seja somente direcionada a uma comunidade e sim a várias

igrejas, "mas em jogo está a situação do conjunto das comunidades da Ásia Menor, e, além disso, inclusive toda a irmandade espalhada pelo mundo" (Feldmeier, 2009, p. 56). No último tópico, aprofundaremos este elemento, aproximando-o da perícopes veterotestamentária.

Ainda que a saudação inicial, que abre a Primeira Carta de Pedro, mencione em primeira

pessoa o apóstolo, não é certo que ele tenha sido seu redator, podendo ser fruto da escola petrina. Há diversos elementos de estudo que precisam ser levados em conta e que apontam para outra direção. Na opinião de Schlosser (2015, p. 541): "os dados relativos à data, à língua da carta e à exegese praticada favorecem a hipótese de que a carta seja obra de um membro judeu-cristão da comunidade de Roma". Além disso, outras objeções importantes são feitas à autoria petrina: o estilo, um grego bom, improvável a um pescador da Galileia; difícil pensar que o próprio Pedro se chamaria assim, pois provavelmente usaria seu nome Simão ou ainda Cefas. O argumento mais forte nesse sentido é destacado por Thevissen (1999, p. 15): "O AT é citado segundo a tradução da septuaginta. O autor, portanto, parece ter lido a Bíblia em grego, coisa que realmente não pode esperar de Pedro, que nasceu na Palestina".

Isso faz suscitar outra questão importante: mas por que então atribuir a Pedro a Epístola? Certamente, por ser considerado de autoria de um apóstolo, especialmente o líder após a morte e ressurreição de Jesus, faz com que a epístola receba uma atenção e credibilidade muito maiores. Além disso, "ao lado de Jesus como o protagonista do Evangelho, ele é o mais citado, quem sempre é citado por primeiro nas listas dos discípulos e quem, dentro dos círculos dos discípulos, age com maior autonomia" (Feldmeier, 2009, p. 55). Mas, para além disso, nomeá-lo como autor da Carta demonstra "que sua importância era reconhecida pelos destinatários como pelo seu autor real" (Schlosser, 2015, p. 541).

A eleição já se mostra desde o princípio explicada e fundada na fórmula triádica. As três pessoas protagonizam a escolha: "depois da vontade salvífica de Deus Pai e do agir santificador do Espírito, recorre agora à ação redentora de Jesus Cristo, sujeito lógico do terceiro membro da oração" (Feldmeier, 2009, p. 61). A menção que faz "referência trinitária é expandida em 1,3-12" (Dalton, 2011, p. 658). Porém, por se tratar de um escrito ainda do primeiro século, não está constituída toda a compreensão trinitária, ainda que elementos apontem para esta direção. A

conclusão da saudação se dá com um desejo de paz para aqueles que a recebem, como é próprio da literatura epistolar. Esta marca é passível de verificação em outros exemplos da literatura neotestamentária, como as cartas paulinas. Pedro, no entanto, faz um leve acréscimo: "sempre mais abundante" (1Pd 1,2).

A paz, elemento importante e comum na saudação judaica, também precisa ser destacada aqui. Ela não é um simples estado de espírito, ou de não guerra, nem tampouco de ausência de conflito bélico-armado. Ela é existencial: "Indica antes a condição mais objetiva de alguém estar em harmonia com Deus, não só em termos individuais, mas da coletividade, do mundo todo, da ordem social constituída, com todas as bênçãos daí resultantes" (Mueller, 1988, p. 73).

Para além destes elementos, a saudação é uma breve introdução, que naturalmente não é o tema central da Carta, mas que apresenta dois elementos significativos que pretendemos relacionar com o texto do Êxodo: a "aspersão do sangue" e a "eleição de um povo", dos que são os forasteiros, para além do aspecto geográfico de sua característica.

5 A aspersão do sangue de Jesus Cristo (1Pd 1,2)

A menção acerca da "aspersão do sangue" de Jesus Cristo é muito breve e praticamente só uma citação, como é possível observar no texto epistolar. No entanto, esta menção cresce de importância quando se percebe que se trata do sacrifício cruento de Jesus que derrama seu sangue na cruz para a salvação da humanidade. Naturalmente, há um forte elemento teológico, uma vez que esta é uma interpretação do sentido vicário de sua morte. De imediato, há um desejo de interligar esta menção ao Livro do Êxodo, e isso será feito no item posterior.

Outro elemento da eleição é o fato de que demonstra a meta desta segundo a presciência de Deus: "A consagração na comunhão salvífica fundamentada no Sangue de Cristo" (Feldmeier, 2009, p. 61). É um evento salvífico, o derramamento deste sangue. Este seu caráter não pode ser

ignorado, nem esquecido. Ao mesmo tempo, é um convite a esta comunhão geradora de salvação, nas três pessoas (Pai, Filho e Espírito Santo), que são um sinal da teologia trinitária que se desenvolve a partir da reflexão e da experiência das comunidades cristãs nos primeiros séculos do cristianismo. O termo "consagração" também é sinal de convite a emergir neste mistério de salvação, justamente como participação neste plano amoroso, de autoria de Deus.

Nesta fórmula, duas dimensões são destacáveis: a "aspersão do sangue" e a "obediência" (1Pd 1,2). É natural, como mencionado anteriormente, este caráter teológico da "aspersão do sangue". O que cabe ao homem é a "obediência". Ela tem uma dimensão complementar muito interessante. É uma fórmula de aliança, que é aprofundada na sequência, mas que é importante destacar neste momento. "A obediência é o que cabe ao homem; a santificação é realizada pelo Espírito, que faz o homem entrar na aliança com Deus" (Thevissen, 1999, p. 25).

A memória do mistério pascal de Cristo vai conferindo este novo significado à Páscoa. A Paixão, a Morte e a Ressurreição de Jesus Cristo estavam sendo retomadas nos encontros das comunidades que celebravam as liturgias ao redor da mesa. A partir da herança judaica, o caráter memorial da liturgia não perde a sua força, mas, pelo contrário, atualiza o próprio mistério que se recorda.

Mencionar a "aspersão do sangue" de Jesus Cristo, este seu caráter teológico-salvífico, logo no segundo versículo, mostra que a Carta não está somente interessada na realidade sociocultural, ou ainda geográfica dos que estão dispersos. Há uma realidade distinta que se está convidando a observar: "Na vida dos crentes há, portanto, também uma outra dimensão, a da relação com Deus" (Broccardo, 2020, p. 314).

6 Caráter salvífico da aspersão (1Pd 1,2)

Realizada a etapa de estudo e análise dos textos, avança-se para a etapa que procura elementos de aproximação entre eles. O primeiro que se destaca é o que está mencionado tanto em Ex

12,22 como em 1Pd 1,2: a "aspersão do sangue". No primeiro texto (Ex 12,22), ele aparece como uma ordem, uma lei, um mandamento, elemento da liturgia a ser seguida na noite de Páscoa; no segundo texto (1Pd 1,2), ele aparece como sinal, identidade e acontecimento histórico salvífico dos participantes e herdeiros da ação salvadora de Jesus Cristo. Em ambos, o sangue é sinal.

É importante destacar uma continuidade nas celebrações pascais. A

"Aspersão do sangue" está diretamente relacionada à Páscoa. Ela é parte do rito da Páscoa e do acontecimento pascal. Em ambos os textos isso se concretiza. O reenfoque da "Páscoa" de Cristo mantém continuidade com a do êxodo (Croatto, 1981, p. 60).

Uma vez que isso acontece, é possível buscar mais elementos simbólicos e implícitos que estão presentes nos grandes acontecimentos pascais.

Na teologia neotestamentária, Jesus Cristo é apontado como o "Cordeiro de Deus". É João Batista quem faz este anúncio profético, indicando que Jesus Cristo é "o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1,29); e a literatura do NT com frequência o chama desta forma (Cordeiro de Deus). De fato, ele é a vítima sem mancha, sem erro, sem falha que derrama seu sangue, e este é sinal de salvação, ao mesmo tempo que é o desejo de Deus de que este sinal prodigioso aconteça. É um acontecimento terrível o derramamento de seu sangue, ao mesmo tempo que faz parte de um acontecimento maior que muda radicalmente a vida de todos aqueles que acreditam e esperam em Deus. Mas, sobretudo, é e exige um ato de fé.

Na teologia veterotestamentária, o sacrifício de um cordeiro, jovem, de um ano, sem falha e sem defeito, é ordem divina, e a aspersão de sangue é o sinal que vai garantir a salvação ao povo de Israel e a seus primogênitos. O acontecimento daquela noite muda a história de todo o povo e será lembrado e celebrado sempre desta forma. Sempre por ocasião da Páscoa, na tradição do povo de Israel, é sacrificado um cordeiro e se prepara para servir de alimento nesta noite.

Enquanto a "aspersão do sangue" é ordem

dada por Deus e transmitida por Moisés para o povo, a fim de libertar-se do regime de escravidão, "a 'obediência' a Cristo é a obediência de fé, a adoção de um novo Senhor com um governo muito melhor que o serviço aos deuses pagãos antigos que levavam a moralidade decadente" (Neyrey, 2001, p. 330).

A "aspersão do sangue" dos cordeiros nas portas salvou os primogênitos das famílias do povo de Israel. Mas a tragédia no Egito foi grande. "É certo que a morte do filho mais velho de um faraó, herdeiro do trono, era considerada uma catástrofe nacional. Por isso é provável que a tradição popular tenha falado da morte de todos os primogênitos do Egito" (Ska, 2022, p. 69), dada a morte exemplar, talvez ainda aliada ao sacrifício dos animais primogênitos (Ex 12,29; Ex 13,1), em vista da celebração da Páscoa do povo de Israel. Imediatamente, recorda-se que Jesus é o Primogênito do Pai, que se oferece em sacrifício. A morte dele, para além de ser algo terrível, triste e violento, é sinal de salvação e de um rompimento com esta lógica cruenta. A nova realidade que se inaugura com o sacrifício de Jesus Cristo é a de que não são mais necessários sacrifícios de animais. Pelo contrário, a libertação plena chegou, não há mais sujeição e escravidão, mas libertação e vida nova em Deus.

É muito importante destacar o elemento teológico e a interpretação com o olhar de fé. É atribuído este significado, e um novo sentido brota a partir destes acontecimentos. O autor da Primeira Carta de Pedro sabe disso e, por essa razão, reforça esta memória, para não esquecer deste grande acontecimento e, ao mesmo tempo, para poder aprofundar o significado dele. De acordo com Feldmeier (2009, p. 61):

A aspersão com o sangue de Cristo é, por assim dizer, o *novo pacto* e a 1Pedro haverá de reclamar, em decorrência, com bastante naturalidade os predicados de honra outrora reservados ao Povo de Deus do Antigo Testamento para a comunhão cristã.

Faz-se necessário indicar ainda outra correlação entre os textos a partir da "obediência", e o que ela representa nos textos. Enquanto no

Êxodo a "obediência" à ordem divina faz aspergir o sangue dos cordeiros nas portas, na Primeira Carta de Pedro, a "obediência" é a ação humana que é complementada pela grande ação do Cordeiro, que se entrega totalmente e de forma vicária. Em ambas, a "obediência" integra este grande projeto salvífico. Para Thevissen (1999, p. 25): "Por sua obediência, entregando-se pela fé, o homem é posto em contato com a salvação. Assim, recebe uma nova vida: a comunhão vital com Deus".

Realizada esta aproximação de cunho mais literal e objetivo, agora também se busca identificar uma semelhança contextual entre os textos. Este recorte é importante por propiciar uma aproximação maior e uma relação de continuidade entre o texto veterotestamentário e o texto neotestamentário.

7 Estrangeiros e forasteiros: destinatários da mensagem

O texto de Ex 12,21-27, como visto, é uma mensagem de Deus passada por Moisés aos anciãos do povo de Israel que se encontram em território egípcio. Por conseguinte, não estão em sua terra, são estrangeiros e, por isso, precisam se sujeitar às leis locais, neste caso, ao regime político e à servidão ao faraó. Aliás, é desta terra, segundo Ex 2,23-25, que sobe o grito deste povo e que Deus escuta o clamor, dando início ao processo de libertação.

A pericope de Ex 12,21-27 narra exatamente a última noite em território estrangeiro. A mensagem e a orientação dizem respeito ao jeito de preparar esta noite, em vista da iminência da partida para a nova fase, em nova terra, com uma vida nova, na qual não mais estarão submetidos ao poder do faraó, mas serão um povo livre, somente submetidos a YHWH. A promessa de YHWH é uma terra para morar, na qual serão livres e que, por consequência, poderão chamá-la de sua.

O texto de 1Pd 1,1-2 também não está direcionado a quem se encontra em sua terra. "A carta está endereçada a cristãos 'na diáspora'" (Feldmeier, 2009, p. 56). Mencionados são os locais: do *Ponto*, da *Galácia*, da *Capadócia*, da *Ásia* e da

Bitinia, mas também se sabe que o texto não se restringe somente ao aspecto geográfico. Dessa forma, não somente aqueles que se encontram nessas cidades precisam da mensagem que se sucede, mas a carta demonstra a sua catolicidade, no sentido da universalidade de sua destinação, escrita para toda a Igreja, por onde quer que se encontre e esteja espalhada, presente.

É característico aos judeus serem chamados de forasteiros desde o cativo babilônico de 586 a.C., espalhados pelo mundo inteiro, porque viviam dessa forma, tendo sempre a Terra Santa como sua pátria: "Embora se adaptassem em alto grau à língua e aos costumes de seu ambiente, continuavam a considerar a Terra Santa sua verdadeira pátria" (Thevissen, 1999, p. 24).

Enquanto estrangeiros ou forasteiros, termos empregados pelos textos selecionados, há um aspecto em comum em ambos: a eleição. Todos a quem a mensagem se dirige pertencem ao povo eleito por Deus. São destinatários da salvação garantida pela "aspersão do sangue", como mencionado no item anterior. Este aspecto teológico une os textos, na medida em que renova a esperança ao povo que recebe esta mensagem.

É inegável que a situação dos receptores da mensagem anunciada por Moisés e Pedro não é nada agradável. A Carta neotestamentária se destina a um "público amplo e geral: cristãos da Ásia Menor que vivem como 'estrangeiros' entre os vizinhos pagãos. Incluídas na plateia estão muitas classes sociais: escravos, famílias, dirigentes" (Neyrey, 2001, p. 329). Da mesma forma, o povo de Israel, que tinha altas taxas de fertilidade, sofreu com "seu rebaixamento ao trabalho escravo na construção. Embora essa fosse uma política lógica para o estado autocrático egípcio, era totalmente contrária à tradição de liberdade de Israel" (Craghan, 2001, p. 93).

Os textos indicam a revelação de um Deus que não ignora a situação de quem está sofrendo. Não somente escuta o clamor que é suscitado pelo povo com quem estabeleceu aliança, como também amplia o alcance desta mensagem de esperança e salvação, dando a ela um caráter universal. Todos são estrangeiros e forasteiros

enquanto não podem viver na liberdade de filhos e filhas de Deus, tendo somente ele como Senhor, vivendo obediente às suas ordens, leis e mandamentos, sempre dados como sinal de vida e liberdade.

Além do aspecto concreto e real, da geografia e da localização dos destinatários da mensagem, ambos os textos também manifestam um plano teológico de revelação, especialmente endossada pelo texto epistolar, visto que, segundo Thevissen (1999, p. 25), "os cristãos já têm sua pátria no novo mundo e sentem-se no mundo atual como forasteiros. Estão a caminho". Percebe-se, dessa forma, um salto ousado: do direcionamento e teologia judaica para um direcionamento e teologia cristã. Ademais, de acordo com Mueller (1988, p. 69), a Primeira Carta de Pedro

Foi endereçada a grupos de origem predominantemente gentia, transparece que o autor não hesitava em aplicar para a igreja, o novo povo de Deus, os títulos privilegiados que pertenciam até então ao povo da antiga aliança. Essa compreensão da igreja como novo povo de Deus, herdeiro das antigas promessas feitas a Israel, perpassa todo o Novo Testamento, e de um modo muito especial a nossa carta.

Não é um modelo de opressão. A "obediência" às ordens divinas são uma renovação dos grandes acontecimentos salvíficos. Não mais aspersão de sangue de vítimas em expiação de pecados. O sangue aspergido é o de Jesus Cristo, o Cordeiro sem mancha, que tem alcance universal com sua mensagem. "Graça e Paz sejam concedidas em abundância" (1Pd 1,2), como afirma o texto epistolar, como grande projeto salvífico de Deus.

8 Conclusão

Como observado ao longo deste estudo, há textos no NT que remetem a passagens do AT. Isso se deve ao fato de a tradição neotestamentária ser herdeira da veterotestamentária. Existem alguns elementos que são novos e que não somente ampliam, como também ressignificam aspectos dos anteriores. Outros elementos e compreensões são uma espécie de continuidade e acabam por ampliar interpretações já existentes, ainda que com certa descontinuidade,

a depender do tipo e liberdade de uso, entre as três possibilidades: citação, alusão e eco. Muitos dos temas já foram exaustivamente estudados, enquanto outros ainda permanecem na mira dos estudiosos.

O presente estudo procurou estabelecer uma relação entre duas perícopes distintas: 1Pd 1,1-2 (NT) e Ex 12,21-27 (AT). De imediato, pode haver um estranhamento, sobretudo para os leitores, uma vez que entre os estudiosos isso é mais comum. No entanto, após a apresentação de resultados das pesquisas realizadas, é possível constatar que há temas congruentes nestas perícopes (1Pd 1,1-2; Ex 12,21-27) e que uma aproximação é possível sem perder seu significado, inclusive podendo haver uma iluminação recíproca entre as duas perícopes destacadas.

Depois de conhecer um pouco de cada um dos livros bíblicos envolvidos – Primeira Carta de Pedro e Livro do Êxodo –, o presente trabalho contextualizou as perícopes em seu texto completo. Posteriormente, foi feita uma análise que auxiliou na compreensão de cada um dos textos selecionados e abordados. Em seguida, o estudo estabeleceu uma relação entre os textos, especialmente a partir de temáticas que unem ambos: a "aspersão do sangue" e a eleição dos estrangeiros e forasteiros, bem como o direcionamento das mensagens a estes personagens em específico.

Cabe neste momento retomar os dois aspectos centrais deste estudo: a "aspersão do sangue" tem sua importância no culto religioso, mas também tem uma implicância na concretude da vida das pessoas. O rito realizado simboliza outra realidade mais ampla e que tem impacto direto no cotidiano. Mais importante ainda, a eleição dos estrangeiros e forasteiros nos textos parece que ecoa nos dias atuais. Trata-se de um tema que sempre esteve em voga e que parece estar mais ainda destacado, a partir dos fatos e das notícias dos últimos tempos. O estudo pode também servir de iluminação e inspiração para uma atenção a esta temática.

Ao longo do estudo, foi possível perceber uma forte aproximação destes textos e suas te-

máticas com Ex 24,1-11. Quando se menciona a "aspersão do sangue", faz-se uma relação entre perícopes, busca-se compreender eleição e aliança; ademais, este texto é fortemente citado por muitos estudiosos das Sagradas Escrituras. Esta constatação, inclusive, pode ser uma chave de leitura importante para a continuidade dos estudos e das aproximações destes temas. Há muitos elementos ainda a serem descobertos e, posteriormente, estudados e aprofundados.

Enfim, este estudo busca contribuir com novas possibilidades interpretativas das Sagradas Escrituras, a fim de ampliar o debate científico e as compreensões a respeito desse tema e conteúdo tão especial. Novos estudos podem ser importantes para o esclarecimento de questões em aberto e a busca por novas interpretações, bem como a contribuição na ampliação do conhecimento científico produzido.

Referências

- ANDIÑACH, Pablo. *O Livro do Êxodo: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.
- BEALE, Gregory. *Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: exegese e interpretação*. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- BEALE, Gregory; CARSON, Donald Arthur. *Comentário do uso do AT no NT*. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- BELLI, Filippo *et al.* *Vetus in Novo: el recurso a la Escritura en el Nuevo Testamento*. Madri: Encuentro, 2006.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BROCCARDO, Carlo. Primeira Carta de Pedro. In: MARTIN, Aldo; BROCCARDO, Carlo; GIROLAMI, Maurizio (org.). *Cartas deuteropaulinas e cartas católicas*. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 307-337.
- CLIFFORD, Richard. Êxodo. In: BROWN, Raymond; FITZMYER, Joseph; MURPHY, Roland (org.). *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 129-159.
- CRAGHAN, John. Êxodo. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert (org.). *Comentário Bíblico*. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 91-120.
- CROATTO, José Severino. Êxodo: uma hermenêutica da liberdade. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.
- DALTON, William Joseph. Primeira Epístola de Pedro. In: BROWN, Raymond; FITZMYER, Joseph; MURPHY, Roland (org.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2011. p. 655-665.

- DEL PÁRAMO, S. Las citas de los Salmos en S. Pablo. In: PONTIFICIO INSTITUTO BIBLICO (org.). *Analecta Biblica*. Roma: PIB, 1963. p. 229-241.
- ELLIGER, Karl. *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- FELDMEIER, Reinhard. *A primeira carta de Pedro: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.
- GONZAGA, Waldecir. As cartas católicas no Cânon do Novo Testamento. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 49, n. 2, p. 421-444, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.20911/21768757v49n2p421/2017>. Acesso em: 10 out. 2025.
- GONZAGA, Waldecir. *Compêndio do Cânon Bíblico*. Listas bilingües dos Catálogos Bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Petrópolis: Vozes, 2019.
- GONZAGA, Waldecir. *O Cânon Bíblico do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025.
- GONZAGA, Waldecir; ALMEIDA FILHO, Victor Silva. O uso do Antigo Testamento na carta de Paulo aos Filipenses. *Cuestiones Teológicas*, Medelín, v. 47, n. 108, p. 1-18, dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18566/cueteo.v47n108.a01>. Acesso em: 10 out. 2025.
- GONZAGA, Waldecir; BELEM, Doaldo Ferreira. O Pentateuco e os "pentateucos" na Bíblia: uma abordagem canônica. *ReBiblica*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 247-277, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2022v3n6p247>. Acesso em: 10 out. 2025.
- GONZAGA, Waldecir; BELEM, Doaldo Ferreira. O uso retórico do Antigo Testamento na carta aos Colossenses. *Theologica Xaveriana*, Bogotá, v. 71, p. 1-35, jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11144/javeriana.tx71.uratcc>. Acesso em: 09 out. 2025.
- GONZAGA, Waldecir; LACERDA FILHO, Jair Pereira. O uso do Antigo Testamento na carta de Paulo aos Efésios. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 13-48, jan./jun. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v22i43-2023-1>. Acesso em: 11 out. 2025.
- GONZAGA, Waldecir; RAMOS, Diego da Silva; SILVA, Ygor Almeida Carvalho. O uso de citações, alusões e ecos do Antigo Testamento na Epístola de Paulo aos Romanos. *Kerygma*, Engenheiro Coelho, v. 15, n. 2, p. 9-31, dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v15.n2.p9-31>. Acesso em: 11 out. 2025.
- GONZAGA, Waldecir; SILVEIRA, Rogério Goldoni. O uso de citações e alusões de salmos nos escritos paulinos. *Cuestiones Teológicas*, Medelín, v. 48, n. 110, p. 248-267, dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18566/cueteo.v48n110.a04>. Acesso em: 11 out. 2025.
- GONZAGA, Waldecir; TELLES, Adalberto do Carmo. O uso do Antigo Testamento na 2Coríntios. *Davar Polisêmica*, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 395-413, dez. 2022. Disponível em: <https://revista.fbmj.edu.br/index.php/davar/article/view/52>. Acesso em: 11 out. 2025.
- GRILLI, Massimo. *Quale rapporto tra i due Testamenti?* Riflessioni critica su modelli ermeneutici classici concernente l'unità delle Scritture. Bolonha: EDB, 2007.
- GUNNEWEG, Antonius. *Teologia bíblica do Antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica*. São Paulo: Teológica, 2005.
- HAYS, Richard. *Echoes of Scripture in the Letters of Paul*. New Haven: Yale University Press, 1989.
- KUMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.
- MACCHI, Jean-Daniel. Êxodo. In: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (org.). *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015. p. 215-230.
- MUELLER, Ênio. *1 Pedro: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1988.
- NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- NEYREY, Jerome, 1 Pedro. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert (org.). *Comentário Bíblico*. São Paulo: Edições Loyola, 2001. v. 3. p. 329-334.
- PIXLEY, Jorge. *Êxodo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- RAHLFS, Alfred; HANHART, Robert. *Septuaginta*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.
- RAVASI, Gianfranco. *Êxodo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.
- ROBERTSON, A. W. *El Antigo Testamento em el Nuevo*. Buenos Aires: Nueva Creación, 1996.
- SCHLOSSER, Joachim. A primeira epístola de Pedro. In: MARGUERAT, Daniel (org.). *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2015. p. 533-548.
- SILVA, Moisés. O Antigo Testamento em Paulo. In: HAWTHORNE, Gerald; MARTIN, Ralph; REID, Daniel (org.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 76-92.
- SKA, Jean-Louis. *Antigo Testamento: introdução*. Petrópolis: Vozes: 2018.
- SKA, Jean-Louis. *O canteiro do Pentateuco*. São Paulo: Edições Paulinas, 2016.
- SKA, Jean-Louis. *O livro do Êxodo*. São Paulo: Edições Loyola, 2022.
- THEVISSEN, G. A primeira carta de Pedro. In: THEVISSEN, G.; KAHMANN, J. J. A.; DEHANDSCHUTTER, B. *As cartas de Pedro, João e Judas*. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 15-93.
- WEBER, Robert; GRYSON, Roger. *Biblia Sacra Vulgata, iuxta Vulgatam Versionem*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007.

Waldecir Gonzaga

Estágio pós-doutoral pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Università Gregoriana (PUG) e professor de Teologia Bíblica no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Neilor Schuster

Mestrando em Teologia pela EST.

Endereço para correspondência

WALDECIR GONZAGA

Rua Marquês de São Vicente, 225

Gávea, 22451-900

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

NEILOR SCHUSTER

Av. Ipiranga, 6681

Partenon, 90619900

Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.